



**REPORTAGEM** Balcões públicos sem procura. Funcionários das finanças, lojas do cidadão, escolas e centros de saúde admitem dia pouco produtivo.

Textos: **Helena Norte, Zulay Costa e Emília Monteiro**

# Serviços abertos para atender cidades vazias

## PORTO HOSPITAIS EM PLENO NUMA CIDADE PARADA

NA UNIDADE de Saúde Familiar (USF) Porto Centro (Santos Pousada), os oito médicos realizaram as consultas habituais. A única diferença foi o número reduzido de utentes nas consultas abertas (para situações urgentes), explicou o coordenador Costa Lima, que deu como exemplo o seu dia: atende seis doentes na consulta aberta, ontem, só teve dois.

No Centro Hospitalar do Porto, o dia foi para marcar primeiras consultas e os blocos operatórios registaram a atividade normal. No S. João, estiveram em pleno.

As escolas estiveram de portas abertas, ainda que sem alunos. Fechados estiveram os jardins de infância e os ATL porque a autarquia deu tolerância. Na Rodrigues de Freitas – sede de um agrupamento com 2.300 alunos –, as pausas são aproveitadas para fazer manutenção, atualizar arquivos e realizar reuniões de professores. “Não tivemos pais a solicitar serviços para hoje, já se tinham organizado com alternativas para os três dias”, disse Joaquina Quintas, adjunta da diretora. Quanto ao impacto neste dia, “não se traduziu num acréscimo significativo de produtividade”.

## AVEIRO MASCARADAS RECEBERAM DOENTES

O SILÊNCIO na Secundária Homem Cristo contrastou com o habitual barulho de jovens nas salas e corredores.

Dos 72 professores, apenas António Carvalho, vice-presidente do conselho executivo, estava na escola manhã cedo. Meia hora depois, chegou e saiu André Carvalho, professor de Expressão. “Vim buscar a máquina fotográfica para fazer trabalho no exterior, a recolher imagens para projeto de design.” “Os professores podem desenvolver trabalho em casa, preparar aulas ou corrigir exames”, explicou António Carvalho. Os funcionários não docentes foram mais aplicados: 25 dos 36 apareceram, mas com pouco para fazer. Na receção, as funcionárias e o porteiro entreolhavam-se. Na biblioteca, duas assistentes prepararam o espaço para receber hoje uma ação de formação. Já as unidades de saúde funcionaram sem percalços de maior. “Vários médicos por toda a região não marcaram consultas para este dia porque pensavam que ia haver

ponte. Mas quem necessitou foi atendido e nem houve encheites”, disse um clínico de Vagos. Na unidade de Saúde Familiar Moliceiro, os doentes tiveram consulta e uma receção diferente: algumas funcionárias levaram cabeleiras postiças e maquiaram-se.

No Centro Distrital de Segurança Social, vários funcionários faltaram ou meteram férias, mas isso não atrapalhou o atendimento porque “a afluência foi muito menor”.

## BRAGA NAS FINANÇAS, ATÉ SE FUMOU EM GRUPO

“SE CALHAR, contas bem feitas, o Estado poupava mais com o feriado do que sem ele”, comentou um funcionário da Loja do Cidadão. “Há serviços que devem ter atendido uma pessoa durante toda a manhã.” Graça Carvalho aproveitou a folga na empresa e foi levantar o Cartão de Cidadão. “Entrei, tirei a senha e fui logo chamada. Parece que os funcionários estavam à minha espera.”

Poucos carros e ainda menos pessoas. Pela cidade passeavam quase só pais e avós com crianças mascaradas. As repartições de finanças e os tribunais, de portas abertas, esperavam por movimento. “Já não me lembro de ter fumado tanto como hoje”, afirmou uma funcionária das finanças. Com ela, à porta da repartição, uma mão cheia de trabalhadores fala sobre os dias em que “nem há tempo para um cigarro”. Nas escolas e centros de saúde, o movimento ainda foi menor, com muitos a porem férias. ●



## CÃES, BEBÉS E BRUXAS NAS FINANÇAS

Em protesto, os funcionários das Finanças de Loures trabalharam mascarados. “Gastaram mais em luz do que ganharam em cobranças”, queixou-se Marília Santos, de chapéu de bruxa na cabeça. **LUÍS GARCIA**